

Como o atleticano se tornou River: um clássico mineiro da Argentina

Gustavo Cerqueira Guimarães

Autor da série narrativa “*El Minero: o atleticano, enfim, conhece a América Latina*”, publicada no portal *Ludopédio* ao longo das campanhas do Atlético Mineiro na Copa Libertadores de 2016, 2017 e 2019.

As narrativas são uma mistura de crônica, conto, relato de viagem, comentário esportivo e reportagem sobre os jogos. No entanto, ao longo do tempo, a presença do personagem Miro, em diálogo com o romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, gradativamente, tornou-se mais presente e os textos passaram a tratar mais de suas vicissitudes num dia de jogo do que do próprio clube, embora este ainda seja o centro.

“Como o atleticano se tornou River” foi publicado em 2015, no *Ludopédio*, configurando-se como o primeiro experimento do autor em diálogo com a mídia e certo discurso jornalístico, no qual aborda o Atlético Mineiro e o futebol sul-americano. Aqui, reescrito, temos o despertar do interesse de Miro pelo futebol argentino após conversa com Seu Revir, o dono da banca de jornais e revistas. O professor decide, então, ir a



Buenos Aires, em busca de lugares e memórias futebolísticas que marcam a presença platina na trajetória do futebol tupiniquim. Num domingo que era para ser de futebol argentino, tornou-se um Atlético e Cruzeiro entre vinhos, debates, cigarros e paradoxos... rivalidade e amizade, Miro passa por descobertas que vão além de uma paixão clubística.

Doutor e mestre em Estudos Literários pela UFMG, graduado em Psicologia e Letras pela PUC-Minas. Realizou a pesquisa de pós-doutorado “*A tabelinha* entre o futebol e outras práticas poéticas no Brasil” pela UFMG/PNPd-Capes. Atualmente, exerce o Leitorado pelo Itamaraty em Maputo, Moçambique, onde atua como pesquisador e professor de literatura, arte e cultura brasileiras na Universidade Eduardo Mondlane e no Centro Cultural Brasil-Moçambique.

Recentemente, coorganizou o livro de ensaios *Futebol: fato social total* (2020) e realizou a direção e atuação das videoperformances *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção* (CineFoot, 2018) e *O ralo à ré-dó* (Cine Santa Tereza, 2019).

Site: www.gustavocerqueiraguimaraes.com.

Desde quando a Argentina se hospedou na Cidade do Galo durante toda a Copa do Mundo do ano passado, ele vem ponderando as razões pelas quais desconhece o futebol vizinho. Miro nunca teve acesso aos canais que transmitem os jogos dos clubes argentinos, e os dois jornais da capital que ele acompanha, indo diariamente à banca de revistas ao lado de sua casa, na Rua Erê, no Prado, trazem informações e tabelas de cinco campeonatos estrangeiros, todos eles europeus: Itália, Espanha, Alemanha, Inglaterra e França.

“Os jornais aqui de Belo Horizonte falam do campeonato francês, cara, do campeonato francês, fran-cês. E nem dá notícias do português... dos *hermanos*, então... ninguém quer saber dos *maricones*”, diz alegremente o dono da banca de revistas ao seu freguês. “Mas olha só, o Lucas Pratto está aqui no Galo, ele foi destaque no Vélez, parece que agora o pessoal está mais de olho nos sul-americanos”, rebate o professor. “É verdade, ontem o Sorín falou isso, ele sempre dá notícias de lá. Você tem acompanhado ele pela tv?” “Não vejo nada dele, Seu Revir, nada. E nem é por causa dele, sei que é inteligente e foi um craque, mas não tenho esse canal, raramente ligo a tv”. “O Sorín

ganhou uma Copa do Brasil pelo Cruzeiro, mas foi com o River que ele foi campeão de uma Libertadores, em 96, lembra?” “Me lembro sim, claro, fez um golaço na semifinal”.

“É... faz tempo que o Galo não convive com craque estrangeiro, desde os anos setenta”. “Quem seriam eles, Seu Revir?”, chamando-o para o embate a respeito do que os tornam ligados: o bate-papo diário à volta das notícias sobre o Atlético Mineiro. “Ó, eu já ouvi o Éder falar que pra ser craque mesmo tem de ter jogado pelo menos cinquenta jogos pela seleção brasileira. Então, pra ser ídolo no Galo tem de ter jogado no mínimo cem partidas com alguma campanha importante, concorda?” “Vixe, nada a ver uma coisa com a outra, Seu Revir, mas, vamos lá, quem são?” “O Cincunegui, Héctor Cincunegui, lateral esquerdo do Uruguai, ele fez quase duzentos jogos e foi campeão brasileiro com a gente”. “Nossa, eu nunca vi ele jogar, é raro a gente se lembrar dele, né, quem mais?” “Por isso que eu falo que os periódicos são importantes, saiu uma lista hoje, olha aqui, tem o Miguel Ortiz, goleiro argentino que ganhou o título mineiro de 1976, tem cem jogos na pinta”. “Ah, bem no início do Toninho Cerezo”. “Isso, ele foi o primei-

ro goleiro a fazer um gol pelo Galo, eu me lembro bem das manchetes, ele era muito irreverente, cabeludo, parece que se desentendeu com o técnico Barbatana.

Outro dia, ouvi falar na tv que ele está vivinho por lá, mas que a bebida atrapalha... que a bebida atrapalha ele de levar uma vida normal, está perdendo compromissos e tal. Parece que ficou igual ao Vadico que eu te falei outro dia, aquele ex-jogador do conto do Edilberto Coutinho, que teve tanta glória pra depois viver feito um molambo”. “Coisas da vida, são coisas da vida, Seu Revir... nós nem glória tivemos e já estamos iguais ao Vadico”, e gargalharam. “O Ortiz deve estar bem, deixa ele pra lá”, emenda alegremente. “Você gosta, né, professor, gosta, né”, caíram de novo na gargalhada. “Vai na paz, Miro, pode deixar que eu olho sua casa e vejo lá no Centro se tem jornal com notícias sobre eles. Afinal de contas, nós precisamos mesmo conhecer melhor nosso adversário, né”.

Durante seu trajeto de ônibus para o Estadual Central, o professor ficou curioso para saber quais os outros estrangeiros se destacaram no Atlético. Ao consultar o jornal, encontrou apenas mais quatro jogadores, todos com mais de cinquenta

partidas: os uruguaios Mazurkiewicz, o Mazurka, goleiro nos anos setenta, e Olivera, que formava a dupla de zaga ao lado do Luizinho no início dos anos oitenta. Os outros dois são os argentinos Galván, zagueiro vice-campeão do Brasileirão de 99, e Dátolo, importante articulador do esquema do Levir na conquista da Copa do Brasil.

Será que o fato de os brasileiros, até mesmo os profissionais, de certo modo, desconhecerem o futebol argentino não contribui para que os *hermanos* sejam mais vitoriosos nas principais competições que os envolvem por aqui? Afinal de contas, eles têm mais títulos da Copa Libertadores e da principal competição continental, disputada desde 1916. “Eu já nem estaria vivo pra ver isso mudar”, ainda aos quarenta anos de idade, pensou o professor.

Talvez seja melhor estar mais perto dos argentinos para conhecê-los melhor e, quem sabe, contribuir para o abrandamento das contínuas brigas entre nós, a exemplo da final da Copa Conmebol de 1997, entre Lanús e Atlético, quando os jogadores argentinos levaram os brasileiros para o alambrado para serem agredidos por torcedores. O treinador Emerson

Leão levou um soco e chegou a passar por cirurgia facial. À época, a imprensa classificou a briga de "vale-tudo".

Outra pesada briga repercutida pela imprensa foi a “chuva-de-garrafas”, na Savassi, ao longo das comemorações dos torcedores pela vitória da Argentina contra o Irã na Copa. O gol de placa do Messi no último lance da partida lhe garantiu vaga antecipada nas oitavas. “Eu estava lá na rua, de boa, eu não fiz nada com ninguém, eu nem fui ao jogo, eu nem tinha bebido”, asseverava o professor, pacificamente, na delegacia, ao fazer o boletim de ocorrência. “Eu não sei de onde surgiu aquela briga, tomei uma garrafada na cabeça e muitos pontos, olha aqui, ó. E no meio disso a minha carteira sumiu, né, com a minha identidade e tudo, foi uma complicação pra dar entrada no hospital... Meu nome? Meu nome é Belmiro, Belmiro Borba”.

* * *

Miro acordou bem cedo e preparou as malas, pois resolveu de pronto aproveitar a promoção de seu programa de milhagem e passar o fim de semana em Buenos Aires. “Seu Revir, eu já fui à Argentina três vezes, mas em nenhuma vez o futebol esteve na

agenda. Dessa vez, vou visitar os museus do River e do Boca, além de tentar assistir a uma partida do campeonato argentino, no domingo à noite. O senhor vigia a casa e guarda as charges do Duke pra mim, hein, o restante do jornal pode jogar fora, na segunda, estou de volta... tchau, seu Revir, o táxi é aquele ali, ó, *hasta la vista siempre*”.

Durante o trajeto, Miro procurou pensar no futebol argentino e a primeira imagem que lhe veio à cabeça é também acústica: o gol de Maradona na Copa de 1986 frente ao seu algoz na Guerra das Malvinas narrado por Víctor Morales, cujas palavras são de agradecimento por vivenciar tamanho espetáculo: *genio genio genio Maradona Maradona quiero llorar llorar Diegol Gracias Dios por el fútbol por Maradona por estas lágrimas*.

Miro também se lembra dos cânticos portenhos pelas ruas belo-horizontinas durante o Mundial; do grito de gol da torcida do Boca, seguido da *avalancha*; do Fillol, goleiraço; do gol do Caniggia, em 90, que desclassificou a boa seleção de Taffarel precocemente; do Kempes no álbum de figurinhas de 82, quando as câmeras fotográficas congelavam ações singulares

dos jogadores; e do pontapé do Maradona no Batista nessa Copa. A respeito dessa cena, já no aeroporto estrangeiro, Miro, rindo e meio espantado, puxava pela memória os comentários pela tv: *uma expulsão justa e um castigo pela violência da Argentina que não sabe perder o jogo é um castigo à inexperiência desse jogador não é o grande craque que se imagina falta agora ao Passarela ir pro banheiro mais cedo também uma vergonha esse time da Argentina vergonha vergonha vergüenza vergüenza.*

“Ele deu uma pesada na barriga do Batista, cara, que tinha acabado de entrar no lugar do Zico. Deus esse Maradona não é. Isso é coisa da mídia”, pensou alto. Nesta viagem, Miro esperava visitar a igreja maradoniana que aparece no filme do Emir Kusturica, quem sabe para redimir o deus argentino? “Será que esse tal templo existe mesmo?”

“*Buenos Aires tem muchos campos de fútbol, vi do avión*”, Miro disse ao taxista ao se lembrar dos minutos que antecederam a aterrissagem, “*o fútbol parece ser muy importante para esta ciudad*”, continua tentando aproximar as línguas. “*En mayo, a principios de mayo, mi River jugará contra Los Bosteros, la ciudad se transforma*”. “*Maio, madjo, macho, malho,*

majo, marro, marro...”, o professor tenta assimilar a pronúncia do taxista, e pega o jornal atrás do banco para ler a seção esportiva até a pousada.

* * *

Miro não se programou para a viagem, porque ao chegar jantaria com um casal belo-horizontino, radicado na *Ciudad Autónoma*. Ela trabalha com literatura e ele com patologia, ambos professores. Eles curtiam muito futebol, inclusive, naquela semana, em território argentino, levaram o filho ao jogo do Cruzeiro pela Libertadores e viram o time ser derrotado em terras estrangeiras por sonoros três gols do Huracán. “Meu filho já está com seis anos, né, está na hora... Mas, como eu já te falei, agora, eu sou Boca, e vai ter guerra contra o River, bomba, *spray* de pimenta, o escambau”.

A cidade estava muito envolvida com o que tinha acabado de acontecer na Copa Libertadores, o Boca se tornou o time sensação ao se classificar em primeiro lugar para as oitavas, venceu os seis jogos. “Eu vou tomar cerveja, o que você vai beber?” A temperatura estava a dezoito graus em San

Telmo. “Vamos tomar vinho, amiga”. Agora, o Boca tem a vantagem de decidir todos os confrontos em casa, mas logo de cara enfrentará o River, cuja classificação se deu em clima eufórico na última rodada. “Você vai torcer pra quem?” “Uai, sei lá, pelo time do Papa?”

O professor cogitou se iria ou não tomar algum partido e se viu confabulando se torceria de verdade por algum outro time. “Uai, então vamos ao jogo do Boca domingo contra o Lanús, o campeonato está bom, o Boca, o River e o San Lorenzo estão disputando a liderança”, diz Miro tentando entusiasamá-los, “posso até torcer pelo Boca, porque pro Lanús jamais, lembra da Conmebol de 97, né”. “Come o quê... como o quê?”, o amigo rebate provocando, “cara, sem chance, Lanús é longe demais, o jogo é muito tarde e é complicado pra ir e pra voltar. Eu estou com criança em casa, já te falei”. “Uai, então vamos ver o River, não é perto da sua casa?”, replicou. “Não, não conseguiríamos comprar ingressos, só os sócios já enchem o estádio, eles são mais de cem mil. Vai lá pra casa depois de amanhã, a gente almoça mais tarde e vê o meu time ganhar do seu. Você está ligado, né, melhor coisa que a gente faz”. “Mas vir aqui e parar pra ver semifinal do Mi-

neiro, sério?” “Depois, a gente sobe pro terraço do meu prédio, porque, de lá, dá pra ouvir *las gallinas* cantando o tempo inteiro do *gallinero*, é muito perto do estádio, você vai gostar. Mas se você quiser conhecer o Monumental mesmo, o museu fica lá, amanhã está aberto o dia todo”.

* * *

No domingo, Miro andou bastante pela Feira de San Telmo e comprou *un regalito* para a criança e vinho para o almoço e o final da tarde. Chegou à casa do casal depois de pegar o metrô até Belgrano e caminhar por vinte minutos. Essa região já não lhe era tão estranha, pois um dia antes esteve perambulando pelo bairro chinês depois de encontrar o museu do River fechado.

“Eu vou tomar vinho, você vai beber vinho ou cerveja? O *locro* já está no fogo, aquele prato que eu te falei ontem, tipo a feijoada daqui”. Já na sala do apartamento, o pai, durante todo o almoço, incitava o menino a torcer contra o Atlético e, de tabela, contra o River. Ele vivenciaria o seu primeiro clássico mineiro, mas ao lado de um sujeito atleticano em sua própria ca-

sa, estrangeira. “O Galo e o Cruzeiro decidem vaga pras oitavas da Libertadores nesta semana em Belo Horizonte, está ligado, né, o Atlético tem que enfiar dois no Colo-Colo, talvez hoje poupe jogadores”, mudando de assunto, o professor arrisca sem qualquer convicção e busca tornar o ambiente mais amistoso. “Onde já se viu time poupar jogador em clássico de semifinal”, o amigo cutuca. “Hoje, o empate é uma boa pros dois, a gente vai pra final, mas o Atlético não perde a invencibilidade de dez jogos diante do rival”, a amiga procura igualmente se tornar amistosa. “Que nada, o Cruzeiro vai meter os ferros, já empatou o primeiro jogo no Independência, com golaço do Arrascaeta. Hoje, o Mineirão é nosso, né, filhão? É dia de 6 a 1, 6 a 1, 6 a 1, 6 a 1, 6 a 1, 6 a 1”, cantarola contando com os dedos até seis. “Caramba, mas o Leo Silva amaciou nesse jogo, já te falei isso, todo mundo sabe. Ele tinha acabado de sair do Cruzeiro, tinha muito amigo lá”. “Hum, hum, hum, 6 a 1, 6 a 1, 6 a 1, hum, hum, hum”, o menino mimetiza acanhado. “9 a 2, 9 a 2, 9 a 2, 9 a 2, 9 a 2, 9 a 2, 9 a 2, 9 a 2”, Miro tensiona os dedos e canta em silêncio o placar mais elástico do clássico, favorável ao Atlético. “E a final da Copa do Brasil do ano passado, você viu

Caetano”, Miro pergunta à criança. “A gente viu, mas o jogo foi muito tarde pra ele”.

Começa a partida e a primeira jogada é argentina. *A bola sobra com o Dátolo ele se enrola com o zagueiro e mesmo assim faz o passe domina o Pratto que busca o canto e joga a bola pela linha de fundo veja por esse ângulo*, diz o narrador da tv. “Ele é da Argentina, mãe?” “Sim, filho, eles têm dois jogadores argentinos e o Cruzeiro um jogador do Uruguai”. O professor começou a sentir que a energia da casa estava muito estranha, polarizada. “Vamos abrir outra garrafa, a gente chama ou não chama o Exu”. Estavam os três na cozinha enquanto o Cruzeiro abria o marcador aos dez minutos. “Gooooool, filho”. *Atenção a bola vai entrando gol gol gol gol gol gol Cruzeiro Cruzeiro é gol Cruzeiro Arrascaeta, Arrascaeta pegando um rebote do goleiro Victor e mandando pro fundo do gol fazendo o momento maior do futebol dando uma alegria imensa à torcida celeste em todo o Brasil*. “Na Argentina também, em todo o mundo”, emenda o amigo, “é gol do time do papai, filhão”, e correu para o abraço. “O time do papa, o time do papai, eu sou Cruzeiro, o time do papa”. “Cru-zeiro, Caetano, Cru, Cru”.

No intervalo do jogo, beliscando o *locro* pela cozinha, Miro e a amiga começam a falar de suas últimas leituras e comentam a respeito da morte do Herberto Helder. “Como seus últimos poemas foram ácidos, *um nó de sangue na garganta/ um nó de ar no coração/ que a mão fechada sobre uma... ah, já me esqueci*”. O professor diz estar lendo *Estive em Lisboa e lembrei de você*, do Luiz Ruffato. “*Fomos à Argentina e lembramos de Lisboa*”, riem todos. Ela pede licença e lê em voz alta o poema “Buenos Aires”, de Mario Bellatin. “Que incrível, eu não conhecia”. “Ele escreve bonito demais, né, e tem umas fotografias sensacionais nos livros dele, eu acho que você vai gostar, olha só”.

Já é noite, fria, e venta muito no décimo andar. “Vamos abrir outra garrafa”. “Vem, pai, vem ver o jogo”. Falam dos trabalhos de docência, refletem de modo amplo sobre a falácia dos discursos educacionais e ventilam hipóteses sobre os atuais tempos de crise. “É terrível a constatação de como os brasileiros ainda ficam de costas pra América Latina, até hoje a gente fica olhando demais pra fora, né”. “Mas não se esqueça: aqui, você será sempre um estrangeiro, o estrangeiro”, enfatiza o

amigo meio sorrindo com o indicador apontado para o solo. “Mas, nós somos antropófagos, né, e os argentinos sequer mataram o pai espanhol ainda”. “Mas a antropofagia é na sua terra, vai tentar comer eles aqui... deixa de conversa, vamos abrir mais um vinho”.

Por volta dos dez minutos do segundo tempo, o Atlético Mineiro empata a partida com mais um golaço do Lucas Pratto, que emendou de primeira um lançamento que veio em suas costas. O menino agitado começa a chorar. “Não fica assim, filho, é franguinho, ele é *pollo, pollo argentino*, nem assusta”. Miro repercute baixinho: “*pocho, podjo, polho, poio, polo, pojo, poro, porro, porro...*”.

“*Papá se va a fumar*, vamos subir, vamos subir com o papai”, diz pressentindo a derrota. “Não, papá, quero ver o jogo”. Os amigos sobem para a cobertura do prédio, de onde veem as luzes do Monumental e ouvem o cântico da torcida, “o River está enfiando quatro no Banfield”, conferem na tabela do campeonato. “O River é rico, o Boca é pobre, é povo. Eu sou Boca”, disse o anfitrião sem qualquer convicção. “Não tem nada disso, o taxista me falou, isso é bobagem”. “Time do povo é só o

Atlético, né”. “Você que está falando, eu não acredito em nada disso”. E discutem sem procurar saber a real motivação. “Ah, agora não acredita em nada, é isentão, igual ao Caetano, né”. “Caetano é o seu filho”. “Ai, caramba, vai se passar por desentendido, agora? O Caetano Veloso, poxa, que votou no Brizola, na Marina...”. “Nossa, você não consegue ouvir o Caetano, você não consegue mais perceber o outro, cara, está maluco”. “Ah, agora, eu estou maluco, você não viu nada... ah, eu sô maluco, ah, eu sô maluco. Quem tem razão é o Lobão, né, *Lobão tem razão, irmão meu Lobão, chega de verdade*”, cantaro-la com ironia.

Confusos eles se sentam no chão, encostam-se à parede, fumam sem trocar mais nenhuma palavra enquanto ouvem, ao fundo, a torcida a cantar: *soy de River y lo sigo a todos lados, donde juegues siempre te voy a alentar, con los bombos, las banderas, el redoblante, esta banda caminando siempre va...* “Vou descer pra ver se o menino se acalmou”.

Quando os amigos se adentram pela porta da antessala, o Atlético vira o jogo com mais um gol do Lucas Pratto, de cabeça, a dois minutos do apito. O menino desaba a chorar ao

passo que o centroavante corre para festejar o gol e o Miro dispara ao redor da sala vociferando o nome do time com os braços estendidos, como se alados fossem, recolhendo-os, em seguida, à altura da cintura e dando aquela sacudida final com os punhos cerrados, vibrantes. Ele mimetiza a comemoração do jogador, inaugura em seu corpo uma maneira tipicamente argentina. Como se não bastasse, liga o rádio do celular e se ajoelhando para escutá-lo: *Gol é do Galão querido Lucas Pratto Pratto o centroavantão do Galo o Urso o Argentino ele que tanto insiste ele que não desanima de novo no alto pra ele de testa vencer o gigante Fábio Lucas Pratto o urso o centroavantão coloca o Galo com o pé na final aos quarenta e três se não for em cima da hora não é Galo o Urso dois a um o Galo vira fala Roberto outra vez quem quem outra vez quem Guilherme Guilherme de perna esquerda levantou a cabeça viu o Pratto rápido igual a um raio que testada violenta do gringo virada do Galo Pratto explode o coração alvinegro de alegria.*

“Vou levar ele pro quarto. Vem, Caetano, veloz”, a mãe o intima. O amigo liga o ventilador e se dirige à janela para fumar um cigarro. O jogo acaba, mas a tv e o rádio continuam ligados,

começa a tocar o hino do Atlético e o menino chora mais ainda. “O River ganhou, filho, vamos torcer pelo River, então”. “Não fala isso, mulher”, o marido grita da sala. “Outro dia o Raposo depena o *Pollo, Las Gallinas*, a seleção *brasileña* e todo o mundo”. A criança chora e soluça. “Pelo amor de deus, gente, hino do Atlético, não, né, quede o controle da tv?”

Miro pausa o rádio, pega a mochila, vai em direção ao amigo e diz: “então, cara, eu vou embora amanhã cedo, bom te ver assim desse jeito”. E, intencionalmente, derruba com apenas um toque o copo do amigo, que estava com os braços para fora da janela. Com a mão no vácuo, ele se assusta e grita quando o copo quebra na calçada da rua. O hóspede também grita. O menino está em prantos, a mãe também começa a chorar e o pai corre para o quarto após jogar o cigarro no ar.

Em minutos, a situação fica menos tensa, ninguém levou pontapés, ninguém levou socos, nem garrafadas na nuca. Não há mais barulho. É o tempo dos afetos, eles pensam. Todos estão apenas expatriados. Miro chama o elevador e vai sem se despedir.

* * *

Com o coração disparado e meio perdido, Miro zanza sozinho pelas ruas próximas do Monumental. *O medo já foi, o homem é o próprio Lobão do homem... Mais vale um Lobão do que um leão*”, lembra-se da canção. Miro anda livremente e pensa que não existe nada fora do que se apresenta, ali, naquele momento, como o leitor no ato da leitura de um romance.

Agora, ladeado pelos *hinchas* que deixam o estádio, Miro anda bem devagar observando tudo, e acaba comprando uma camisa dos *millonarios* de um ambulante, depois de experimentá-la por cima do casaco. “*Ahora también soy River Plate*”, e grita: River!” Os torcedores ao redor replicam o chamado e embalam na cantoria: *porque a River yo lo quiero de verdad, nunca vas a ver una bandera negra, esta banda nunca te va abandonar, por ese amor, yo te aliento de la cuna hasta al cajón, porque yo dejo todo por verte salir campeón*.

Miro fica em dúvida se vai para a pousada de táxi, de ônibus ou se continua seguindo o fluxo até o metrô. Entretanto, escuta uma música curiosa do outro lado da avenida. Chega mais perto do bar, percebe melhor o cantor e resolve entrar.

Senta-se à mesa mais próxima da Avenida del Libertador para continuar a sacar o movimento e pede *una copa de vino*.

Déjame ir, necesito andar, voy por ahí a procurar, a voz bonita é entoada no pequeno palco. “Cartola, Cartola, é isso aí”, Miro grita alto. Ao final da música, a dupla se despede: “*Esta fue la última canción, un samba brasileño, de Candela, grabado por Cartola, Marisa Monte y Ney Matogrosso, mi inspiración. Muchas gracias, besos, muchas gracias*”. E fala mirando *a los ojos* do recém-chegado: “obrigado, obrigada”. Miro não esperava o contato tão direto, fica encabulado e pede a conta. “Você está indo embora, brasileiro”, aproximando-se da mesa e perguntando em bom português. “Sim, sim, tenho que viajar amanhã cedo”. “Fica mais um pouco, o bar fecha tarde, ninguém vai te incomodar”. “Preciso realmente ir, não é nada pessoal”. “Não precisa pagar, você não bebeu nada”. “Imagina, por favor, não me leve a mal, tenho que ir embora”, o professor deixa o dinheiro e se levanta. “Prazer, La Cantante de Belgrano, qual o seu nome, estavas no Monumental, de onde você é?”, senta-se no banco ao lado da mesa. “Você fala português muito bem”. “Todo dia eu escuto música *brasileña, bra-si-lê-ra*”, os dois sorriem. “Conheço de tudo, já

passsei muitos carnavais no Rio e no Recife, mais em Pernambuco, amo aquela terra, mas não viajo pra lá desde quando eu abri este bar”. “Passa lá em Belo Horizonte quando for, vai gostar...”. “Sim, claro, todo mundo me diz isso, mas atualmente as coisas não caminham muito bem por lá, né, não está nada fácil”. “Mas também não está tão difícil, né, os mundos são diversos”. “É, pode ser...” “Pois é, mas vamos falar de outra coisa, de música”.

E Miro passa a se perguntar se deseja convidar La Cantante de Belgrano para ir ao seu pouso, mas ela diz que não, que não tem pressa, que é melhor esperá-lo voltar. “A Argentina está de portas abertas. Minha casa é justamente aqui”, diz apontando o indicador para cima. “Você não quer mesmo ir ao hotel comigo, eu te espero fechar o bar”, falando já mais próximo e com a expectativa de ouvir uma contraproposta. “*Diego, Diego, saca una foto con mi amigo brasileño y imprímela*. Não vai sair sem levar *una foto, un recuerdo para que no me olvides*”.

La Cantante se desloca para o palco e copia da partitura para o verso da fotografia o seu telefone e um trecho da letra: *Quero assistir ao sol nascer, ver as águas dos rios correr, ouvir os pássaros cantar. Eu quero nascer, quero viver. Deixe-me ir, preci-*

so andar. Dirige-se ao Miro, levanta sua camisa, guarda a fotografia no bolso do casaco, dizendo: “un recuerdo, para que no te olvides y regreses, besos”.



* * *

“Olha quem vem dar o ar da graça nesta linda manhã de segunda”. “Bom dia, seu Revir, está feliz com o nosso time, né”. “Altamente, jogou demais, estou achando que o Pratto vai entrar naquela lista de ídolos estrangeiros do Galo, hein, tem muita raça e amor, além de ser tinta”. “O senhor gosta, né, Seu Revir, gosta”. “Não é pra menos, né, rapaz, e aquele golaço de ontem? Saiu até na capa, olha aqui”, entrega o jornal e as charges da semana para o seu freguês preferido.

“E lá na Argentina como é que foi? Não me esconda nada”. “Não consegui comprar ingresso pra nenhum jogo, cheguei atrasado ao museu do River, tudo muito confuso. Mas encontrei com aquele casal daqui que te falei, na sexta e no domingo, vi o jogo na casa deles”. “E como o povo está, lá está melhor que aqui, né”. “Ah, Seu Revir, mandei mensagem pra lá hoje, mas está todo mundo meio hipnotizado, né, não está nada fácil pra ninguém”. “Mas também não está tão difícil, né, você saiu daqui só pra ver o Galo lá na Argentina pela televisão”, e gargalharam como sempre fazem quase todas as manhãs, exercitando diariamente todos os músculos desse ato.

“Vai me dizer que arrumou confusão por lá?” “Quase isso, Seu Revir, conheci uma pessoa bem especial. *Yo volveré... seguro*. Vou seguir o desejo. Olha aqui a fotografia, ó”. “Bonito, com a camisa do time e tudo, hein, bonito, virou River mesmo”. “Depois, eu te conto. Agora, estou indo lá pro Estadual Central”. “Uai, mas hoje é recesso do Tiradentes, você está maluco?” “Combinei com uns alunos de passar a manhã emendando o alambrado e as redes da quadra, as de basquete, de vôlei e futebol, volto no final da tarde, vigia aí”, Miro aponta para a casa levantando as sobrancelhas. “*Deixe-me ir, preciso andar, vou por aí a procurar, caminando siempre va...* Já não me bastava ser só atleticano, Seu Revir, já não me basta ser uma coisa só... *se alguém por mim perguntar, diga que eu só vou voltar quando eu me encontrar*”, e sai cantarolando.